

# O QUE É UMA MULHER?

## WHAT IS A WOMAN?

Maria BORGES<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina / CNPQ

### A MULHER É O BELO, O HOMEM É O SUBLIME

Nas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, texto de 1764, Kant afirma que quem se refere à mulher como o belo sexo, ainda que possa pensar que a está somente elogiando, consegue chegar à característica do seu caráter. Não se trata apenas de uma compleição facial ou corporal, que são geralmente mais finas e mais delicadas do que no gênero masculino, ou mesmo seu poder de encantamento, ou suas expressões mais amáveis e afáveis. A marca do belo se refere principalmente ao caráter da mente feminina, enquanto a do sublime se refere à mente masculina. Essa diferença entre os gêneros deveria nortear toda educação e instrução, assim como a perfeição ética de ambos.

A fim de explicar em que consiste esse belo caráter, Kant parte da sensibilidade e do gosto, indo até o entendimento. Ele inicia por notar que as mulheres teriam um sentimento natural por adornos e decorações (GSE, AA 2: 229). Sobre o conhecimento, Kant afirma que as mulheres têm tanto entendimento quanto os homens; contudo, ele é um entendimento belo, enquanto o do homem deve ser um entendimento mais profundo. Aqui começam os preconceitos que levariam a compreender as mulheres como mais superficiais na sua vida intelectual. Trata-se não apenas de uma afirmação descritiva, mas normativa, pois Kant aconselha que as mulheres não se dediquem ao estudo laborioso ou à especulação mais aprofundada:

O estudo laborioso ou a especulação penosa, mesmo que uma mulher nisso se destaque, sufocam os traços que são próprios a seu sexo; e, não obstante façam dela, por sua singularidade, objeto de fria admiração, ao mesmo tempo enfraquecem os estímulos por meio dos quais exerce seu grande poder sobre o outro sexo. (GSE, AA 2: 229)

As mulheres podem fazer ciência e filosofia, mas perderiam seu charme frente aos homens. Ao se aproximarem do sublime, despertariam admiração e respeito, mas careceriam dos traços do belo.

<https://doi.org/10.36311/2318-0501.2023.v11n1.p129>

A continuação dessa citação é ainda mais ofensiva em relação ao gênero feminino, mostrando uma certa indignação de Kant frente às mulheres do seu tempo que realizavam trabalhos intelectuais e científicos:

A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora Dacier, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a Marquesa de Chatelét só pode mesmo faltar uma barba, pois com essa talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram. (GSE, AA 2: 229-30).

Kant aconselha às mulheres retornarem ao belo entendimento e se aproximarem daquilo que é do domínio do sentimento, deixando a especulação abstrata aos homens. A educação das mulheres deveria basear-se mais nos sentimentos do que em regras ou conhecimento abstrato. Assim, “elas não deveriam saber mais do cosmos do que o necessário para tornar a visão dos céus numa bela noite tocante para elas”. (GSE, AA 2: 231), Nas artes, como na pintura ou na música, deve ser ressaltado a expressão dos sentimentos, a fim de elevar o gosto no gênero feminino, bem como ter alguma conexão com as emoções morais.

## 2. UMA MORAL SEM PRINCÍPIOS

Kant afirma que a moralidade feminina é uma moral da sensibilidade e não de princípios. Tal não significa que as mulheres não seriam capazes de realizar boas ações, mas que essas careceriam de um valor moral genuíno. Até mesmo seu juízo moral sobre ações se daria baseado na sensibilidade. Assim, o belo designa os sentimentos de simpatia e compaixão típicos do gênero feminino. Ainda que não seja uma moralidade plena, haveria uma grande sensibilidade em notar pequenas falhas morais, talvez imperceptíveis aos olhos masculinos. As mulheres “são muito sensíveis à menor ofensa, e são excessivamente rápidas em notar a menor falta de atenção para com elas” (GSE, AA 2: 229).

Seu julgamento de uma ação boa ou errada não seria guiada por princípios morais, mas está relacionado ao sentimento de prazer e desprazer frente a uma ação:

A virtude de uma mulher é uma virtude bela. A de um sexo masculino deveria ser uma virtude nobre. As mulheres evitarão o mal, não porque isso seja injusto, mas porque é feio; e para eles ações virtuosas significam moralmente belas. Nada de dever, nada de obrigações. (GSE, AA 2: 231)

Kant considera que é difícil pensar que as mulheres agem por princípios morais, fazendo com que os sentimentos benevolentes tomem o lugar desses. Ele se desculpa afirmando que, com isso, não quer ofender o belo sexo, porque agir por princípios também seria raro no gênero masculino.

## 3. A MULHER NA ANTROPOLOGIA DO PONTO DE VISTA PRAGMÁTICO.

Na segunda parte da *Antropologia do ponto de vista pragmático*, denominada de *Característica antropológica*, Kant analisa o caráter dos sexos. Ele inicia essa análise de forma elogiosa, afirmando que a natureza pôs mais arte do que força nas mulheres:

Em todas as máquinas que devem produzir com menos força o mesmo tanto que outras produzem com força maior, é preciso pôr arte. Pode-se, por isso, admitir de antemão que a providência da natureza terá colocado mais arte na organização da parte feminina do que na da masculina. (Anth, AA, 7: 303).

Contudo esse elogio inicial acaba por dar lugar à atribuição de algumas características não tão positivas ao gênero feminino. Enquanto o homem é fácil de investigar, a mulher não revela seu segredo, mas não guarda bem o dos outros (Anth, AA 7: 303); a mulher não temeria a guerra doméstica porque a combate com sua língua (Anth, AA 7: 303) e usaria lágrimas de amargura para deixar o homem sem armas na guerra doméstica (Anth, AA 7: 304).

Na relação amorosa entre os gêneros, Kant defende e justifica a posição passiva da mulher e a posição ativa do homem: a mulher recusa, o homem solicita, a mulher precisa parecer fria, o homem, cheio de afeto e amor. Essa diferença, segundo o filósofo, está ancorada na natureza:

A natureza quer que a mulher seja a solicitada, por isso ela não precisou ser tão delicada na escolha (segundo o gosto) quanto o homem, ao passo que a natureza também construiu o homem mais grosseiramente, o qual já agrada a mulher quando mostra em sua figura vigor e destreza para defendê-la; pois se, para poder se apaixonar, a beleza da figura dele lhe causasse repugnância ou se ela fosse refinada na escolha, então seria ela quem teria de mostrar como a pretendente, e ele, como o que recusa, o que diminuiria totalmente o valor do seu sexo, inclusive aos olhos dos homens. (Anth, AA 7: 307)

O homem escolhe entre as mulheres a que mais lhe apraz. Às mulheres, caberia não ser tão específica no gosto e refinada na escolha, seja porque ela deve escolher apenas entre os que a escolheram, seja porque a beleza masculina não teria grande atrativo, apenas seu vigor e capacidade para defendê-la. A escolha do seu par está reservada aos homens; às mulheres, cabe seduzir, de uma forma leve e não explícita. A mulher jamais poderia escolher, pois assim ela assumiria o papel de “pretendente”, podendo ser rejeitada, o que seria um constrangimento para ela e para o seu escolhido. Dentro de uma linguagem refinada, Kant não se afasta da concepção de que a mulher é a caça; o homem, o caçador.

Ainda que defendendo a monogamia, ele admite a prática social da *coqueterie*. Numa época de luxo, o galanteio se converteu em moda e pode-se aceitar que as mulheres lancem seus charmes a outros homens que não seu marido:

Ainda que goze de má reputação sob o nome de *coqueterie* essa inclinação não é desprovida de verdadeiro fundamento que a justifique. Pois uma jovem senhora está sempre em perigo de se tornar viúva, e isso faz com que lance seus charmes a todos os homens que as circunstâncias tornem disponíveis para o matrimônio, a fim de que, caso aquilo aconteça, não lhe falte pretendentes (Anth, AA 7: 305).

Essa defesa peculiar da *coqueterie* não deixa de nos surpreender, vindo de Kant, mas talvez mostre o quanto ele estava em sintonia com seu tempo e com o que denomina de época do luxo, permitindo também à mulher a arte da sedução nos ambientes sociais. A justificativa que ele dá, contudo, para a aceitação da *coqueterie* reforça o papel subordinado da mulher como aquela que precisa de proteção. É o perigo de tornar-se viúva que a autoriza a lançar seus charmes a futuros maridos, caso seja necessário.

## AS VIRTUDES FEMININAS E MASCULINAS

No texto “Sobre os sentimentos do belo e do sublime”, Kant afirma que as virtudes femininas são belas, enquanto a dos homens são sublimes. Quais seriam essas belas virtudes para Kant? Uma delas é ser levada à tristeza pela ofensa ou revezes da fortuna; é belo para ela transformar sua tristeza em lágrimas, sem que com isso sua virtude se dissipe. Ao contrário, “um homem não deve nunca chorar a não ser lágrimas magnânimas”; “mostrar sua dor pelos revezes da fortuna o tornam desprezível”. (GSE, AA 2: 232). O que é um defeito para o homem, é considerado uma virtude para a mulher. Na *Antropologia*, nos é afirmado que a expressão das emoções pode ser benéfica para as mulheres. Mostrar suas emoções é uma bela virtude, ainda que não seja aconselhado ao gênero masculino.

Virtudes masculinas são diferentes das femininas. Além da expressão de emoções ser uma virtude para as mulheres e não para os homens, Kant apresenta outras diferenças:

“ela deve ser paciente (*geduldig*), ele tem que ser tolerante (*duldend*). Ela é sensitiva (*empfindlich*), ele é sentimental (*empfindsam*). No homem, economia é ganhar, na mulher, poupar. O homem é ciumento quando ama; a mulher também o é sem que ame, porque perde em seu círculo de adoradores tantos quantos admiradores são conquistados por outras mulheres”. (Anth, AA 7: 308)

Na culinária, uma das virtudes das mulheres era preparar um bom jantar a ponto de certa vez ter dito que “um homem, mesmo sendo pintor ou poeta, não ficaria feliz se sua esposa lhe oferecesse um poema ou uma pintura em vez de um jantar” (JACHMANN, 1985, p.48). Sem dúvida, podemos acusar Kant de machista, mas não podemos esquecer que ele era um homem do século XVIII. O mais impressionante nessa referência é que provavelmente muitos homens do século XXI, pintores e poetas, talvez preferissem que a esposa lhes preparasse um bom jantar, em vez de um poema. Mas Kant não reservava às mulheres apenas o papel de boas cozinheiras, elas eram importantes na dinâmica das reuniões sociais, promovendo a cultura e o refinamento por meio da feminilidade: “querendo infundir também os finos sentimentos referentes à civilização, isto é, os da sociabilidade e do decoro, a natureza tornou muito cedo esse sexo hábil para dominar o masculino mediante sua decência na linguagem e nos gestos, exigindo comportamento suave e cortês por parte do sexo masculino.” (Anth, AA 7: 306)

A mulher tem um papel na civilização, através de suas condutas baseadas numa sensibilidade que parece estar ausente do gênero masculino. Sua destreza social, sua capacidade de agradar, seu papel de rejeitar a impertinência masculina, acaba por promover uma decência moralizada que serve aos propósitos da cultura. Ainda que não utilizando princípios universais, a moralidade sensível feminina contribui para o aperfeiçoamento moral da espécie. Conforme observa Frierson, “a fraqueza aparente e a timidez das mulheres acaba tornando-se uma das forças motoras do progresso cultural e proto-moral da espécie humana”. (FRIERSON, 2013, p. 96)

Ainda que tenhamos, na *Antropologia*, passagens relativas à sensibilidade feminina e seu papel no progresso cultural, Frierson considera que a ideia de uma bela virtude, típica do gênero feminino, não permanece na obra kantiana de maturidade:

A teoria moral de maturidade de Kant não só não inclui, mas parece excluir tudo que poderia ser chamado de virtude feminina. Kant desloca-se de uma teoria moral empírica e sentimentalista dos anos 1760 que permitia diferentes formas de valor moral baseada em diferentes sentimentos estéticos a uma moral racionalista mais rigorosa na sua *Fundamentação* e textos posteriores. (FRIERSON, 2013, p 96)

Na teoria moral da maturidade, Kant não atribui nenhum valor moral aos sentimentos morais, que aparecem apenas como uma moralidade imatura, podendo levar ao agente a ações benevolentes, sem ter contudo valor moral genuíno.

## UMA MORAL ALTERNATIVA?

A concepção kantiana da moralidade feminina, em que pese revelar preconceitos em relação às capacidades intelectuais das mulheres, poderia ser vista como a enunciação de uma outra moralidade, baseada na sensibilidade e nas emoções?

Kant considera que é difícil pensar que as mulheres agem por princípios morais, sendo que os sentimentos benevolentes tomam o lugar desses. (retirada uma frase que estava repetida no texto)

Devemos nos perguntar se a afirmação de que as mulheres não agem por princípios morais é descritiva ou normativa. Se for o primeiro caso, deve-se notar que mesmo no século XX, experiências mostravam que o raciocínio moral feminino não se adequava ao modelo de princípios morais. Uma das experiências que levaram as filósofas feministas a questionar a moral de princípios foi a realizada por Kohlberg (1974) Testes foram aplicados em meninos e meninas a fim de detectar qual o estágio de seu desenvolvimento moral, tomando como níveis de desenvolvimento da moralidade os níveis pré-convencional, convencional e pós-convencional. O desenvolvimento da moralidade passaria por 6 estágios, desde o mais primitivo, onde a moralidade estaria ligada à possibilidade de ser castigado por uma autoridade, até um último estágio, caracterizado pela utilização de princípios morais universais.

### Segundo Tania Kuhnen

Uma das inferências de Kohlberg a partir da realização das pesquisas empíricas com indivíduos dos sexos feminino e masculino foi o de que meninos por vezes destacavam-se e alcançavam etapas mais elevadas da escala enquanto meninas permaneciam abaixo. Isso porque meninos tendiam a resolver problemas morais a partir da aplicação de critérios de justiça e de noções de direitos individuais, ao passo que meninas costumavam ficar mais atreladas às relações de proximidade presentes nos dilemas e procuravam resolvê-los sem o rompimento das relações identificadas. Com isso, prevalecia nas respostas de meninas aos dilemas um certo sentido de responsabilidade atrelado à situação sem necessariamente conseguirem realizar abstrações a partir da aplicação de princípios e regras. (KUHNEN, 2023, p. 19)

Carol Killigan, que inicialmente trabalhou com Kohlberg, vai analisar esses dados e propor, no seu livro *In a diferente voice*, uma ética alternativa àquela baseada em princípios, dando ênfase às relações de proximidade e cuidado. (GILLIGAN, 2023) Ela irá construir uma ética que não negue a ideia de princípios de justiça, mas a complementa com uma concepção de cuidado com as relações. Não se trata de apresentar uma visão essencialista das mulheres, ou

de glorificar seu papel tradicional de cuidar dos membros da família, mas indagar se podemos ter uma voz diferente na moral.

Ainda que Kant mencione essa voz diferente como uma moral ainda imatura, talvez ele nos indique que nem todos nós julgamos através da ética do dever, utilizando apenas princípios formais e abstratos. Poderiam os elementos da bela moralidade serem incorporados à ética do dever? Sem dúvida, não teríamos mais uma ética kantiana, pois essa defende a primazia de princípios morais, mas poderíamos ter uma ética que contemplasse também o refinamento de uma sensibilidade moral.

**Resumo:** Nesse artigo, vou analisar a concepção de gênero feminino em Kant. Partirei da distinção entre belo e sublime, mostrando o que significa ser o belo sexo para o filósofo. Mostrarei que a bela moralidade feminina é baseada em sentimentos morais e implica numa incapacidade de agir segundo princípios. Num segundo momento, mostrarei quais são as virtudes femininas, relacionando-as com a promoção da cultura e do refinamento social. Por fim, analisarei em que sentido a moralidade sensível que Kant atribui às mulheres poderia ter eco na filosofia feminista contemporânea, com ênfase na ética do cuidado.

**Palavras-chave:** gênero, mulher, belo, sublime, moralidade, sensibilidade

**Abstract:** In this article, I will analyze the conception of the female gender in Kant. I will start from the distinction between the beautiful and the sublime, showing what it means to be the fair sex for Kant. I will show that beautiful morality is based on moral feelings and implies an inability to act according to principles. In a second moment, I will show what are the feminine virtues, relating them to the promotion of culture and social refinement. Finally, I will analyze in what sense the sensible morality that Kant attributes to women could be found in contemporary feminist philosophy, especially in the ethics of care.

**Key-words:** gender, women, beautiful, sublime, morality, sensibility

## REFERENCIAS

GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

KANT, Immanuel. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*. Kants gesammelte Schriften. Band 7 (Königlich Preussische Akademie der Wissenschaften, Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900- )

KANT, Immanuel. *Beobachtungen Über das Gefühl des Schönen und Erhabenen*. Kants gesammelte Schriften. Band 2 (Königlich Preussische Akademie der Wissenschaften, Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1900- )

KUHNEN, Tânia. “Ética do cuidado “. In: BORGES, Maria, CASTRO, Susaba, TIBURI, Márcia. *Filosofia Feminista*. São Paulo: SESC, 2023. pp. 15-46.

JACHMANN, Reinhold Bernhard. “Emmanuel Kant raconté dans des lettres a un ami“. In: MISTLER, Jean (org.). *Kant Intime*. Paris: Bernard Grasset, 1985, pp. 33-54.

KOHLBERG Lawrence. Education moral development and faith. **Journal of moral education**, v. 1, n. 4, 1974, pp. 5-16.

FRIERSON, Patrick. *What is the human being?* New York: Routledge, 2013.

## NOTAS

<sup>1</sup> Maria Borges é professora titular de filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. Fez pós-doutorado na University of Pennsylvania, EUA (1999), na Humboldt Universität, Alemanha (2006) e na Columbia University, EUA (2014). É pesquisadora do CNPq. Publicou diversos artigos, incluindo “What can Kant teach us about emotions” (The Journal of Philosophy) e “Physiology and the Controlling of Affects in Kant’s Philosophy” (Kantian Review). Publicou os livros *Body and Justice* (Cambridge Scholars Publishing), *Emotion, Reason, and Action in Kant* (Bloomsbury, 2019). Também é autora dos livros: *História e Metafísica em Hegel, Amor, Atualidade de Hegel* e coautora de *Tudo o que você precisa saber sobre Ética* e coeditora de *Kant: Liberdade e Natureza/ Kant: Freedom and Nature* (2005) e *Filosofia: Machismo e Feminismo*. Atua principalmente nos seguintes temas: idealismo alemão, ética kantiana, teoria das emoções e filosofia feminista.

Maria Borges is a Full Professor of Philosophy at the University of Santa Catarina (Brazil). She was Visiting Scholar at the University of Pennsylvania (USA), Humboldt Universität (Germany) and Columbia University (USA). She is researcher of the CNPq/Brazil. She published many articles, including “What can Kant teach us about emotions” (The Journal of Philosophy, 2004) and “Physiology and the Controlling of Affects in Kant’s Philosophy” (Kantian Review, 2008). She also published the book *Body and Justice* (Cambridge Scholars Publishing) and *Emotion, Reason, and Action in Kant* (Bloomsbury, 2019). She is also the author of the following books in Portuguese: *História e Metafísica em Hegel/History and Metaphysics in Hegel* (1998), *Amor/ Love* (2004), *Atualidade de Hegel/Actuality of Hegel* (2008), co-author of *O que você precisa saber sobre Ética/All you should know about Ethics* (2003), and the co-editor of *Kant: Liberdade e Natureza/ Kant: Freedom and Nature* (2005), and *Filosofia: Machismo e Feminismo/ Philosophy: Sexism and Feminism* (EdUFSC, 2014). Her philosophical interests are German idealism, Kantian ethics, theory of emotions and feminist philosophy.

Recebido / Received: 25.05.2023

Aceito / Accepted: 28.05.2023

